

João Antônio em Berlim

Ellen Spielmann

Berlim recebe seus escritores e artistas convidados numa série de apartamentos disponíveis.

O mais procurado pertence à Akademie der Künste, no Hansaviertel, aquele bairro de arquitetura moderna que inclui um edifício construído por Oscar Niemeyer. É um apartamento duplex, tendo em cima um quarto e embaixo um escritório ascético. Samuel Beckett foi hospedado aqui durante sua estada em Berlim para ensaiar *Endspiel* em 1967 e *Das letzte Band* com Martin Held no papel de Krapp no Schiller Theater Werksatt em 1969. O duplex ia servir para o escritor pós-moderno Robert Coover que acabou não vindo em 1993.

O outro apartamento muito procurado se encontra na Uhlandstrasse 184. Sem saber disso, o convidado ganhou a jóia do Deutsch Akademische Austausch Dienst (DAAD). A *belle-étage* se tornou residência berlinense de João Antônio de julho 1987 a agosto de 1988. Da Uhlandstrasse 184 leva-se três minutos a pé para chegar ao Literaturhaus na Fasanenstrasse. A Casa de Literatura fez história na cidade. O prédio da Gründerzeit servia, nos anos 20, de lugar de encontro de literatos, artistas, da intelligensia, foi o famoso *Wintergarten*. Destruído durante a II Guerra, ficou vazio, a casa abandonada, felizmente tombada. Recuperado para servir de espaço cultural para leituras, simpósios, exposições desde os anos 80. O Café no Literaturhaus foi o nosso lugar de encontro — na época do verão sentávamos no jardim com o repuxo no meio. A dona do Café, a sra. Sembritzki, não sabe muito bem o que é bom de literatura, mas sabe muito bem o que é para beber e comer. Depois da volta de João Antônio ao Brasil continuei a freqüentar o Café. Quando entrei em novembro de 1996, a sra. Sembritzki deu um

grito: “O mestre faleceu? Eu li seu artigo (necrológico) carinhoso no *Tagespiegel* de ontem. Que tristeza!” Como contar o primeiro encontro, depois de Ignácio de Loyola Brandão, Antônio Callado, Rubem Fonseca, criadores de subgêneros anti-utopia, romance etnográfico e policial? Contar que, em 1985, na sua primeira estada em Berlim, depois de um encontro no Instituto Latino-americano da Universidade Livre de Berlim — leitura e debate — e depois de ter tomado o chope obrigatório, no carro eu dei carona para ele e só consegui encontrar a rua certa em Lichterfelde com a ajuda do guia da cidade. João Antônio achou muito raro e divertidíssimo. Ou contar o segundo encontro no Rio, um ano depois, quando anotou o endereço da sua editora no revés do maço de cigarro para eu ir lá e buscar livros? (Reprodução do maço com o endereço escrito a mão.) Contar o segundo encontro quando me levou ao terceiro na Praça Quinze, onde todo mundo o conhecia? Foi uma sexta-feira à noite. Lógico que fomos de ônibus.

Experiência, passeio, motivo para falar das lições não dadas, mas lições involuntárias desse antimajestático, mestre em ter ódio, mestre da pilhéria (*Nasci no 27 de janeiro de 1937 na Rua Frei Joaquim de Amor Divino Caneca*), corruptor de malícia e de risadas abertas. É o *King Lear* de Shakespeare, ato IV, cena I, o que me acaba de ocorrer quando recorro e sobreponho as imagens de João Antônio em Berlim, no Rio, em Munique, em Salzburgo, em Kassel (ele em frente do *Fridricianum*, o espaço principal da *Documenta*, a exposição internacional de arte contemporânea), em Varsóvia, em Cracóvia: *The worst returns to laughter*. Lições que partem mais da vida que das palavras. (Agora me dou conta de que passamos muito tempo junto: às vezes eu saía de manhã para passar na Uhlandstrasse e acabava saindo de lá às duas da manhã do dia seguinte.) Mais da vida que das palavras? Ao contrário, lições que se alimentam da profissionalidade do ofício, da inteligência, da sensibilidade, do estudo e conhecimento profundo do Brasil, da vida brasileira. Fomos de ôni-

bus de Copacabana à Praça Quinze. Falávamos dos costumes, dos hábitos da classe média: “o carro, é preciso carro... Compre. Ande de carro, ouça música e veja filme, no carro, coma no carro e trepe ali” (exclama João Antônio, palavras que se encontram no seu maravilhoso *Abraçado ao meu rancor*. Retenho outra lição sobre:

Invenção do boom “literário”

Sáimos da belle étage da Uhlandstrasse 184. Caminhamos. Falamos — é claro, curiosidade minha — do Brasil, da vida literária e intelectual dos anos 60 e 70, os efeitos da modernização acelerada. Queria saber mais sobre Clarice Lispector. Passamos a Kantsstrasse em direção à Steinplatz em frente da Academia das Belas Artes sentamos no Café am Steinplatz freqüentado pelos estudantes da Universidade Técnica, muitos deles iranianos, africanos. João Antônio começou a falar da Clarice. Ela, quando viva, não foi reconhecida. Clarice foi até demitida do *Jornal do Brasil*, dada como uma pessoa incompetente, que não sabia escrever. Imagina, no dia da sua morte, o *Jornal do Brasil* publicou uma página inteira. De repente a mesma Clarice, que durante a vida foi esquecida, vivia no Leme, na Gustavo Sampaio, abandonada, está sujeita a se transformar numa bandeira desse *boom* literário. É uma invenção pura da crítica, inclusive das editoras, disse ele. Até pouco tempo foi bem comum que o escritor não recebesse nenhum tostão pelas reedições.

Lembrar em termos de clima o tempo dele em Berlim (de amizade e cumplicidade: as linhas de uma carta de nossa querida amiga polonesa Grazyna. Um ano depois de nossa viagem juntos a Varsóvia e Cracóvia, na primavera de 1988; depois da volta de João Antônio e Solange ao Rio, escreve Grazyna, 7 de janeiro de 89: *Tens notícias de João Antônio e Solange? Como consegues viver sem eles?*)

A segunda lição entre muitas outras.

Ter ódio e cair na gargalhada

Sáímos de casa pela segunda vez. Solange me mostra sua descoberta, onde comprar o peixe mais fresco e barato de Berlim, logo no outro lado da rua, numa das construções de arco da S-Bahn se vende peixe para os restaurantes de Berlim ocidental só de manhã cedo. Não sabia. Passamos pela Uhlandstrasse. Logo encontramos a vitrine enorme de uma loja de móveis. Paramos, olhamos no meio dos armários, mesas e camas. João Antônio aponta para o objeto mais perto, material de cesto redondo com almofada de veludo bem agradável.

— Pra que que serve?

— Cama de cachorro.

Havíamos dobrado já a Kantstrasse em direção à *Gedächtniskirche* com sua torre de ruína, símbolo de Berlim destruída da II Guerra, quando João Antônio começa a contar do seu trabalho no *Jornal*, do começo da imprensa nanica. Fala da aporia do setor cultural crescendo e ao mesmo tempo se instalando a censura. Ele juntou pilhas e pilhas de material censurado. O projeto enorme. Imagina um quarto de pilhas de papel até o teto, comenta Solange. Revemos e catalogamos.

Ler João Antônio: suas “idéias amargas” do conto-chave *Abraçado ao meu rancor*: “Como vão as coisas neste país adjetivo, preferível e menos desastroso o sujeito ser apenas jornalista... Pior é, no país, o sujeito que, escritor, se mete a também jornalista. Aí perderá potencial maior — o tempo, a vergonha, o talento e o estilo... além claro... as deformações e vícios pequenos da classe média. Porque esse tipo de infeliz será sempre um animal bufo da classe média. Vai bufanear o tempo todo para ela... e se iludir, ardiloso e

frenético, pelos bares a dizer... que não pertence a ela. Virou até moda, por exemplo, a proclamação de que se é um marginal da classe média... Mas da classe média você não vai escapar, ser”. Não há remédio. Não há? O único remédio é cair na gargalhada, juntos. (Calmos na gargalhada, quantas vezes? Não sei. Lembro que caímos na gargalhada, João Antônio, Solange, Grazyna e eu, em Varsóvia, por causa do nosso super, marechal: a Professora titular de português e tradutora para o polonês. João Antônio ao lado desta senhora loira, alta, aristocrática, com disciplina de um marechal, ela sempre andava três passos em frente e obviamente enfurecida quando João Antônio, na sua conferência, explicava algumas diferenças entre a gíria carioca e a paulista, explicava o que é o jogo do bicho, o que é “fazer uma fezinha”.)

O olhar antropológico

Qual é a arte deste mestre? Ele junto com amigos escritores como Ignácio, mas diferente de outros que fracassam na imprensa, sai avante, se baseia na experiência própria da vida brasileira, na inteligência, na técnica, no ofício, na sensibilidade, na intuição. A arte de João Antônio não reside simplesmente nessa base trivial, vai além. Qual é? Alimenta-se do rancor daquela geração que sente na própria pele o que fizeram com suas cidades, São Paulo, Rio, com seus bairros da infância, da juventude, Lapa, Sorocabana, durante o processo da modernização brutal com seu auge chamado milagre brasileiro. Encontramos a reação forte — rejeição daquilo que acaba com tudo — às vezes em tom nostálgico, às vezes no “realismo agressivo” (Antonio Candido), por exemplo, no *Zero*, romance pre-histórico de Ignácio de Loyola Brandão. Encontramos o rancor de maneira diferente nos contos-romances de João Antônio: “Trinta anos depois da minha infância, a Sorocabana dos pobres, viradores,

biscateiros e operários nos mesmos trilhos. Só mais gente esfalfada.” “Há metrô e outras comodidades, e nos *shopping centers* você encontra de tudo um pouco”... Vou descer em Altino... Piso o pedregulho úmido da estação... ganho as ruas esburacadas, de terra, onde água poluída se empoça esverdeada no meio-fio... toco a subir no escuro o Morro de Geada. Um pensamento me passa, que empurro. Se tivesse de viver de novo aqui, de onde me viria a força?... Que lá em cima venta bravo”.

Como é? A arte vem do rancor, da perda sim, mas é muito mais. A arte de verdade é estar livre e assim conseguir se livrar da vontade de poder, de usar o poder de mandar. “Competir para mim é imoral”, escreve ele. São intelectuais de estirpe diferente, não são da mesma geração mas têm algo em comum: João Antônio e Darci Ribeiro. Quando resumiu a vida dele, Darci escreveu: “Fracassei em tudo que tentei na vida. Tentei alfabetizar as crianças, não consegui. Tentei salvar os índios, não consegui. Tentei uma universidade séria, não consegui. Mas meus fracassos são minhas vitórias. Detestaria estar no lugar de quem venceu”. João Antônio também detestava estar do lado de quem venceu. Ficava com os do outro lado. Então como é a arte?

Remédio, diria eu, não é construir contrapoder, nem literatura antiautoritária. João Antônio dialoga com seu leitor implícito e explícito. O leitor é seu cúmplice. A arte de João Antônio é não apenas a de um escritor engajado, mas ainda a de um olhar antropológico.

No meio de Butts e outros peixes...

Sáimos da Uhlandstrasse 184. Já é outono de 1988. Vamos para outro bairro: *Friedenau*, bairro residencial, bonito, central, verde. Fomos para a casa de Günter Grass na Niedstrasse. É uma casa antiga, belíssima, com árvores em frente e um pequeno jardim agradável atrás. Grass costuma ter sua casa em Berlim aberta para receber e hospedar escritores do mundo inteiro, “special guests” são os do chamado Terceiro Mundo. Foi aqui no meio dos desenhos de *Butts* e outros peixes, gravuras de bichos e paisagens que nasceu a matéria sobre o escritor brasileiro João Antônio, sua estada em Berlim, publicado em sânscrito no Jornal *Notun Din*, 9-15 de dezembro de 1988. Trata-se de um jornal publicado na Inglaterra para o mundo indiano, quer dizer sai simultaneamente em Londres, em Calcutá e em Dhaka (Bangladesh) com tiragem superior a 500 mil exemplares.

“... lá em cima venta bravo”

João Antônio tinha ódio de Berlim, do seu vento siberiano. Contradizendo jovem Bertold Brecht, que vindo da província descreveu Berlim entusiasmado como “a fria Chicago do Norte” no seu diário. João Antônio tinha ódio daquela atmosfera fechada berlinense, da gente sem humor, sem riso, da gente com um comportamento às vezes grosseiro. Contou que uma vez numa festa em Kreuzberg ele pediu licença para telefonar pra Solange em casa. Ficou no telefone falando nem um minuto e logo alguém comentou: Aquele turco fica no telefone fazendo ligações internacionais, abusando da hospedagem. Lógico, João Antônio tinha entendido só a palavra turco, mas ao mesmo tempo tinha entendido tudo, não há dúvida: havia e há preconceito contra estrangeiros em Berlim.

Motivo para ele se interessar pela vida dos turcos em Berlim, especialmente dos jovens que vivem entre as duas culturas. Ficávamos horas discutindo sobre a situação deles na escola, em casa, na rua. João Antônio encontrou uma matéria sobre violência entre turcos e alemães jovens na revista *Tipp*; eu a traduzi. Ele foi procurar os lugares de encontro deles em Kreuzberg e Neuköln, no Wedding. Procurou conhecer o outro lado da vida berlinense. Encontrava com seus amigos de Berlim — o chileno David Schidlowsky e o brasileiro Carlos Azevedo — nos botequins e salas de sinuca. Eles rodaram um filme — direção de Davi — na linha de “o escritor e a cidade”, que procura revelar, em longa metragem, as relações de João com Berlim. Tinha ódio de Berlim ou só tinha tantas saudades do Brasil?

Mesmo assim queria ficar mais tempo em Berlim. Montou um projeto de trabalho dirigido para o Serviço Acadêmico Católico para Estrangeiros (Katholischer Akademischer Ausländer-Dienst): “a proposta consiste, basicamente”, escreve ele numa carta de abril de 1988, que eu traduzi para o alemão, “num roteiro de Lesungen, palestras e conferências sobre literatura brasileira atual e sobre outros temas ligados à cultura brasileira”. Solicitamos uma bolsa de estudos. Quanto tempo queria ficar em Berlim? “duração... de um ano a um ano e meio. Eu”, escreve ele, “ficaria sedado, digamos, em Berlim, faria todos os contatos necessários para a minha atividade em conferências e Lesungen tanto na Alemanha quanto em outros países europeus”. Ficamos felizes os fãs de João Antônio. Aproveitamos todas as ocasiões para nos reunir, inventamos motivos para festejar. Por exemplo, o ensaio de João Antônio “Viva o bicho” publicado na imprensa alemã. Saiu na revista de Hamburgo, *Geo*, de fevereiro de 1988, no número especial sobre o Brasil. Infelizmente mudaram o título bonito para “O poder da esperança” e assim mantiveram outra vez a imagem-clichê européia da América Latina.

E que atividades: convites para leituras, conferências e palestras em Heidelberg, Frankfurt, Giessen, Tübingen, Erlangen, Freiburg, Colônia, Hamburgo e Munique, tanto sobre literatura brasileiro atual quanto sobre temas como a situação do negro brasileiro. Ao mesmo tempo João Antônio escreveu em Berlim para a imprensa brasileira sobre temas alemães. Saiu na *Isto é* (20.1.1988) uma matéria sobre os laços do filósofo Martin Heidegger com o nazismo.

Acabou não prolongando sua estada. Num belo dia de agosto de 1988 fomos ao aeroporto de Tegel, João Antônio, Solange e eu com bagagem de não sei quantos quilos a mais (lembranças de Berlim: coleções de rodela de chope, caixinhas de fósforo).

Solange voltou a Berlim poucos meses depois para aperfeiçoar seu alemão. Foi aí que li a carta de amor mais linda que vi na minha vida. João Antônio tinha mandado a carta dirigida a Solange para a minha casa com o pedido de lê-la em voz alta para ela, para que ela ouvisse. Meu papel de mensageiro deu certo desta vez. Solange voltou ao Rio.